



Em busca da formação de um novo olhar sobre o cotidiano: o processo de produção da Rádio 25 de Maio FM¹

Helena Martins do Rêgo Barreto²
Universidade Federal do Ceará

Resumo

A análise ora apresentada faz parte da pesquisa que temos desenvolvido, na qual discutimos como a comunicação experimentada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) constitui um lugar de ação política contra-hegemônica. Para tanto, analisamos a produção da Rádio 25 de Maio FM, localizada na cidade de Madalena, no Interior do Ceará, a partir de duas dimensões: a da produção do conteúdo e a do envolvimento dos produtores com as pautas política do movimento. Neste artigo, discutiremos esses aspectos, indagando se o conteúdo veiculado questiona a hegemonia dominante; se são estabelecidas mediações entre o popular e o massivo, a partir da relação com os produtos da Indústria Cultural; e se um novo olhar sobre o MST e sobre o cotidiano do assentamento é constituído, seja por meio da programação do rádio, ou pelas relações que são decorrentes da atividade comunicativa.

Palavras-chave:

Comunicação; Contra-hegemonia; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

1. Introdução

Partimos do conceito de hegemonia de Gramsci (2002), segundo o qual a hegemonia resulta de uma combinação de força e consenso; direção e dominação. Mas este é um processo complexo de experiências e relações sociais que enfrentam pressões e limites. Nesse sentido, Raymond Williams enfatiza que a hegemonia não existe apenas como forma de dominação que não encontra resistência. O consenso não é efetivado totalmente, daí a necessidade da conexão entre diversas formas de luta que levem a um senso ativo da atividade revolucionária através de uma ação contra-hegemônica que questione a hegemonia dominante e construa outras hegemonias, pois

[...] na prática a hegemonia não pode nunca ser singular. Suas estruturas internas são altamente complexas, e podem ser vistas em qualquer análise concreta. Além do mais (e isso é crucial, lembrando-nos o vigor necessário do conceito), não existe apenas passivamente como forma de dominação. Tem de ser renovada continuamente, recriada, defendida e modificada. Também sofre uma resistência continuada, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões. Temos então de acrescentar ao conceito de hegemonia o conceito de contra-hegemonia e hegemonia

¹Trabalho apresentado no DT 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Mestranda no programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), linha Mídia e Práticas Socioculturais. Bolsista da Capes – Responsabilidade Social.



alternativa, que são elementos reais e persistentes na prática. (*idem*, p. 115-116).

Das afirmações, extraímos uma formulação central do pensamento de Gramsci: a conquista do poder é um processo que deve ser deflagrado ainda quando não se detém a hegemonia, pois não se obtém a hegemonia do dia para a noite. Ela deve ser construída ao longo do tempo, inclusive por meio de mediações entre o que em certo instante é hegemônico e o que é contra-hegemônico. Para levar a cabo essa construção, muitos autores falam da necessidade da disputa de poder e da construção de hegemonias por passar o âmbito da comunicação, pois, além de uma ferramenta para uma “demarcação” de posição ou para dar respostas à mídia empresarial difundindo informações diferenciadas, os meios podem vir a ser espaços de conformação de novas formas de sociabilidades e constituição de um novo olhar sobre o mundo.

2. A produção da Rádio 25 de Maio FM: desafios para a superação do hegemônico

Após ligar o aparelho de som e sintonizar a estação 95, 3 (FM), não tardará muito até que o ouvinte escute o *slogan*: “Rádio 25 de Maio FM. Uma emissora do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que luta por justiça social e soberania popular!”. A proposta do veículo fica bastante clara: divulgar o movimento e contribuir para uma mudança no olhar da população sobre ele. O *slogan* aponta que a luta do MST não é apenas pela Reforma Agrária, mas por justiça e soberania, palavras afirmativas, que ampliam o leque de reivindicações do movimento e, além disso, distanciam-se daquelas comuns ao repertório relacionado ao MST, como ocupação, invasão, luta, etc.

Ao longo dos dois anos de existência, a programação passou por modificações devido à escassez de recursos disponíveis para a produção do veículo, sejam eles técnicos, pessoais ou mesmo financeiros. Ao final de 2009, quando realizamos esta pesquisa, a grade de programação da rádio encontra-se formatada da seguinte forma:

Horário	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
06h às 08h	Manhã do Campo	Manhã do Campo	Manhã Musical				
08h às 09h	Show da Reforma Agrária	Estação 95	Sem-terrinhas em ação				
09h às 11h	Show da Manhã	Show da Manhã	Educação no Campo				
11h às	Bate-bola	Bate-bola	Bate-bola	Bate-bola	Bate-bola	Bate-bola	(músicas)



2010

12h								avulsas)
12h às 14h	Reforma Agrária em Debate	(músicas avulsas)						
14h às 16h	Tarde Jovem	Show do Brega		Embalos de Domingo				
16h às 18h	Forrozão Popular	Embalos de Domingo						
18h às 19h	Santo Terço	Santo Terço						
19h às 22h	Falando ao Coração	Domingo Show						

Às seis da manhã, quando o transmissor é ligado, a primeira música que costuma ir ‘ao ar’ é o Hino do MST. Logo em seguida, inicia o programa “Manhã do Campo”, produzido e apresentado por “seu” Pepino, o único integrante da equipe que já alcançou a marca dos sessenta anos, que veicula músicas diversas, que vão do forró às canções do movimento - estas em menor grau. Pepino³ dá informes sobre as atividades que ocorrerão ao longo do dia e conversa com os ouvintes sobre temas diversos. O segundo programa veiculado é o “Show da Reforma Agrária”, apresentado por Mariana Paiva, de quinze anos. O conteúdo é totalmente ligado ao movimento, desde as músicas tocadas – todas do movimento sem-terra – às notícias e aos debates suscitados. O “Show da Manhã”, apresentado por Anamélia de Sousa, é um programa voltado para as donas-de-casa. Além de músicas diversas, traz informações úteis ao cotidiano, como receitas, dicas de saúde, etc. Depois, é a vez do “Bate-bola”, o esportivo produzido e apresentado por Pepino e Paulo Henrique. Além de notícias sobre o futebol nacional, o programa destaca aquelas relacionadas aos times da região e do próprio assentamento, onde existem doze times organizados⁴. Em seguida, temos o noticioso “Reforma Agrária em Debate”, feito por Lázaro de Castro, que trata de notícias ligadas ao movimento e aos fatos da conjuntura nacional. Ele é o principal programa de notícias e entrevistas da rádio, mas não costuma ir ao ar quando Lázaro não está no assentamento. Nesses casos, entra em seu lugar o programa “Vozes da Terra”, produzido pelo MST, em São Paulo. Dando continuidade à programação habitual da emissora, temos o “Tarde Jovem”, apresentado por Cleudson Silva, que mescla informações sobre o cotidiano

³ Informações obtidas por meio de entrevista realizada com Pepino em outubro de 2009

⁴ O futebol é um dos grandes divertimentos da população local. Todos os domingos ocorrem jogos entre os times, que mobilizam dezenas de pessoas. Durante a festa de um ano da emissora, os produtores da rádio organizaram um campeonato que envolveu cerca de duas dezenas de times da região, entre eles o “MST do Quietinho”, evento que contou com transmissão ao-vivo da própria rádio.



com músicas diversas. Depois, vem o “Forrozão Popular”, também apresentado por Lázaro, que busca privilegiar cantores tradicionais, como Luiz Gonzaga. Às dezoito horas, Dona Rita e Antônia Eliônia rezam o terço e fazem outras orações. O último programa, o “Falando ao Coração”, é essencialmente composto por músicas românticas, inclusive internacionais.

Nos finais de semana, há mudanças na grade. No sábado, Mariana volta com o “Estação 95”, composto por músicas diversas, muitas internacionais. Cleudson Silva e Roberto Silva entram em cena com o musical “Show do Brega”. No domingo, temos um programa bastante diferente, o “Sem Terrinhas em Ação”, do qual trataremos em seguida, que atualmente é apresentado por Francisca Ramonyelle e Sônia Paiva. Logo mais, vem o “Educação no Campo”, que passou a ser produzido pelas professoras do assentamento a partir do segundo semestre de 2009. A partir do “Educação no Campo” até o “Santo Terço”, às dezoito horas, a rádio veicula apenas músicas⁵.

É perceptível que a programação da rádio não é muito diversificada. Predominam programas do gênero musical. Do universo das músicas, um elemento chamou nossa atenção: a presença das canções do MST em meio àquelas que comumente são veiculadas pelas rádios comerciais. Isto traz uma discussão importante: o processo de apropriação dos elementos da Indústria Cultural por parte de um movimento bastante organizado e crítico, e, ao mesmo tempo, amplo e diversificado. Durante a pesquisa, vimos a pluralidade dos sujeitos que produzem comunicação. Pessoas que ouvem forró, músicas românticas e adoram veicular programas sobre futebol. Gente que passou a produzir conteúdo e teve que aprender não só a superar dificuldades técnicas e financeiras, mas também a fazer mediações entre aquilo que o movimento defende e o que os ouvintes e eles próprios costumam consumir.

García Canclini alerta para o fato de que o hegemônico e o subalterno são “modalidades, ambíguas e transitórias, dos conflitos em que se articulam.” (CANCLINI, 1988, p. 74). Portanto, a autor parte da perspectiva de que se deve “[...] reconhecer nos fatos contra-hegemônicos, ingredientes que misturam o autônomo com a reprodução da ordem imposta, e que, portanto, não podem ser situados no quadro de uma polarização extrema voltada apenas para registrar confrontações.” (*ibidem*, p. 74-75). Aliás, segundo o pesquisador, não considerar essas hibridizações levou muitas pesquisas a um reducionismo dos fatos sociais: “Na pressuposição de que a tarefa da

⁵ Os programas, feitos ao vivo e comumente sem um roteiro detalhado, não são gravados pelos comunicadores, o que lhes impossibilita, por exemplo, repeti-los ou avaliá-los posteriormente.



cultura hegemônica é dominar, enquanto a da subalterna é resistir, muitos estudiosos parecem não ter nada mais a investigar além dos modos pelos quais uma e outra cultura desempenham seus papéis nesse roteiro.” (*ibidem*, p. 74).

Olhar semelhante é desenvolvido por Stuart Hall ao longo de toda sua produção teórica. Em “Notas sobre a desconstrução do ‘popular’”, de 1981, Hall alerta que, ao longo do processo de transição do capitalismo agrário para o industrial, houve uma disputa em torno da cultura dos trabalhadores e explica que as mudanças nas relações de força da sociedade se revelam também nas lutas em torno das culturas, compreendidas como formas de vida. (HALL, 1981, p. 231). Tendo em vista essa trajetória de lutas, negações e apropriações, que foram intensificadas com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, o autor traz o questionamento: “Seria possível hoje nos propormos a escrever a história da cultura popular sem levar em consideração a monopolização das indústrias culturais, por trás de uma profunda revolução tecnológica?” (*ibidem*, p. 236). Sua resposta é bastante incisiva: “Escrever a história da cultura das classes populares exclusivamente a partir do interior dessas classes, sem compreender como elas constantemente são mantidas em relação às instituições da produção cultural dominante, não é viver no século vinte.” (*ibidem*, p. 236 -237).

A existência do diálogo entre o popular e o massivo, bem como entre o hegemônico e o subalterno, é um debate que vem sendo travado no MST. No documento intitulado “Hegemonia, Política, Comunicação e Cultura” (MST, 2009), produzido pelos Setores de Comunicação e Cultura nacionais do movimento, há um tópico específico sobre a questão do popular, intitulado “Visão purista da cultura popular e camponesa”. Partindo da afirmação de que, no capitalismo, a arte e as tradições são transformadas em mercadoria, alerta para a necessária desconstrução da imagem purista acerca do “popular”:

O camponês não é algo estático, imutável, como um boneco de presépio. O modo de vida e a cultura do camponês tradicional não pode ser idealizados, como se representassem uma resistência ao capital, sem levar em conta suas contradições e problemas. Às vezes, por trás da cultura camponesa, há também valores capitalistas e a reprodução da lógica pequeno burguesa. Além disso, os trabalhadores rurais também sofrem influências de padrões, modelos e dos costumes dos moradores das cidades, através do acesso a bens, como a tecnologia do celular, parabólica, etc, até a questão dos alimentos industrializados. A cultura popular não está imune à indústria e ao capital, sendo também permanentemente incorporada e transformada. Da mesma forma como na economia, não é possível rodar a roda para trás. Não podemos ignorar o impacto da produção cultural do último período. (MST, 2009, p. 4-5)



Nosso olhar ao pesquisar o MST tem buscado encontrar tais mediações entre o consumo que ocorre no cotidiano dos assentados e o momento da produção cultural. A todos os entrevistados, perguntamos se ocorria esse diálogo entre os bens massivos, se era permitida a veiculação de todos os tipos de músicas e como essas questões eram trabalhadas no dia-a-dia da rádio. As falas dos coordenadores do Setor de Comunicação mostraram que não há a defesa de um tipo de militante estereotipado, que só consumiria bens culturais “revolucionários”. Coordenadora do Setorial de Comunicação e Juventude, Joyce Ramos esclarece que o trabalho com os aspectos simbólicos é um processo que visa construir uma nova cultura, mas reconhece que, por intervir na esfera dos valores que são constituídos ao longo da vida, esse processo é gradual. Perguntada se este trabalho visa à construção de uma contra-hegemonia, pondera:

A intencionalidade é essa, eu acredito assim. Aliás, tenho certeza mesmo. Esses setores que existem na estrutura do movimento são setores que vêm a consolidar um projeto que o movimento sem-terra ter hoje para o Brasil, que é um projeto mesmo de sociedade, enfim. E a comunicação e a cultura, para que elas possam se constituir como elementos para fortalecer esse projeto, a gente tem realmente que trazer uma nova concepção do que seja cultura, do que seja comunicação. Então, a intencionalidade é essa. Agora, na prática, a gente sabe que isso é muito difícil. Porque é aquela coisa: a contra-hegemonia nem sempre consegue realmente ser contra-hegemônica para romper com a cultura que já está arraigada há muito tempo. Então, é claro que isso entra em choque várias vezes: o que o MST tem como concepção e o quê que, na prática, acontece. Agora, o que eu acho mais importante é o movimento não deixar isso se perder. Mesmo com as dificuldades, mesmo com o choque, mas o movimento segue com essa linha pra que, daqui a algum tempo, isso realmente venha mudar totalmente a visão de mundo das pessoas. (Joyce Ramos, em entrevista nos concedida em novembro de 2009)

Também coordenador do Setorial, Marcelo Matos, por sua vez, aponta que a formulação e a vivência de uma nova cultura é, inclusive, um desafio do movimento:

Se você me perguntar uma das dificuldades que nós temos ainda, e eu acho que não é só no MST do Ceará, é no MST nacional, é conseguir interligar essa questão da cultura com nossas rádios. Nós ainda temos dificuldades nesse sentido. Não posso dizer assim: “Ah! É só revolucionário”, porque não é verdade. É um processo. A formação da consciência é um processo - e nossas rádios tem ajudado muito nisso. Veja, no [assentamento] *25 de Maio*, quando nós instalamos a rádio *25 de Maio* lá, nós fizemos um teste: colocamos só música do movimento. Quando nós paramos de colocar as músicas do movimento, o pessoal ligava pedindo a música dos quinze anos para minha namorada tal, a música dos vinte anos... Então, a gente percebe que os veículos de comunicação criam uma cultura nas pessoas e essa cultura pode ser boa ou ruim, isso vai [de acordo com] a percepção política e ideológica de quem está por trás. (...) A gente está fazendo um trabalho na [rádio] *25 de Maio* que é assim: coloca a música do Aviões [do Forró, banda bastante conhecida no Nordeste], mas coloca duas do movimento. Mas esse é um processo, Helena, que não vai ser hoje, amanhã. (Fala de Marcelo Matos em entrevista concedida à autora em novembro de 2009)



É importante notarmos que a afirmação de Joyce corrobora com a tese de que a contra-hegemonia é construída ao longo do tempo, pois trata-se do questionamento de todo um modo de vida. Nesse sentido, o teórico britânico Raymond Williams afirma que, na sociedade concreta, marcada essencialmente pela desigualdade entre as classes, apenas como abstração é possível dizer que os homens definem e modelam suas vidas, portanto há de ser reconhecida a presença do domínio e da subordinação nesse processo, que se revelam na prática. Por isso, para além das formas de controle manifestas através da ‘manipulação’ ou ‘doutrinação’, a hegemonia é um processo complexo que envolve

[...] todo um conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constituído e constituidor - que, ao serem experimentados como práticas, parecem, confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, Hegemonia é no seu sentido mais forte uma “cultura”, mas uma cultura que tem também de ser considerada como o domínio e a subordinação vividos de determinadas classes. (WILLIAMS, 1979, p.113).

A afirmação de Marcelo, por sua vez, traz à tona a visão da comunicação como um aparelho privado de hegemonia, espaço através do qual a “consciência” é formada. Ambos destacam o caráter processual da formação de visões de mundo e reconhecem a diversidade delas. Afinal, há uma identificação dos ouvintes e mesmo dos produtores com esses bens, fato que Adorno e Horkheimer (2009) contribuíram para explicar já na primeira metade do século XX, quando afirmaram que a Indústria Cultural, para funcionar com sucesso, incorpora em seus produtos elementos que fazem parte das culturas populares, com a finalidade de possibilitar o reconhecimento e a identificação do público, inclusive das classes subalternas. Além disso, conforme aponta Stuart Hall, “As indústrias culturais têm de fato o poder de retrabalhar e remodelar constantemente aquilo que representam; e, pela repetição e seleção, impor e implantar tais definições de nós mesmos de forma a ajustá-las mais facilmente às descrições da cultura dominante ou preferencial.” (HALL, *op. cit.*, p. 238). Nesse sentido, para o autor, pensar o “popular” significa essencialmente levar em conta as tensões contínuas, as influências, os antagonismos, enfim, as relações que são estabelecidas em relação ao que é dominante, em cujo centro está a luta de classes e sua relação com as questões hegemônicas (*ibidem*, p. 241-242).



É no cotidiano da produção da *Rádio 25 de Maio FM* que esses conflitos tornam-se explícitos. Segundo Lázaro Ramos, logo no início da rádio

O ouvinte ligava e [dizia] “Eu quero ouvir *Aviões do Forró*”, 'rapariga' e não-sei-o-quê”. [Lázaro respondia] “Não pode, isso aqui é uma rádio educativa, agente não pode tocar isso, desculpa. Eu posso atender com uma música mais boa, legal, que faça você refletir?”. [Ouvinte] “Tá bom, a gente pode ouvir”. Ir conversando, ir dialogando... Aí tem as pessoas [que reclamam] “A rádio só toca música do MST”. Chamamos o grupo, sentamos e pensamos junto, porque tudo é decidido em coletivo. (...) Então, a gente chamou o grupo, os caras tão colocando e a gente entrou num consenso. Se eu toco três músicas, e uma eu coloco uma do MST, nós vamos acostumando. E, hoje, você escuta a programação e você vê pessoas ligando e pedindo músicas do MST, músicas que deixam você pensar, ouvir a música... (Fala de Lázaro de Castro. Entrevista concedida em setembro de 2009)

Percebemos que as músicas continuam tocando na rádio, mas Paulo Henrique explica que há um permanente trabalho de conscientização, “[...] Se uma pessoa liga pra cá pedindo uma música inadequada. Aí a gente conversa, explica que essa é uma rádio do MST, que é educativa, aí até a pessoa pedir uma outra música educativa.”. Esse diálogo também foi apontado pelos demais entrevistados, mas nós não chegamos a, de fato, presenciar situação semelhante. Questionamos, então, como se trabalha com as músicas que falam da mulher de forma “coisificada”, como objeto sexual, já que o MST propõe que a questão de gênero deva ser trabalhada “[...] no contexto da revolução cultural, uma vez que alterar o padrão de gênero significa romper com valores, princípios, comportamentos, enfim, com a 'consciência social' burguesa.” (MST, 2001, p. 149), o que o setor reconhece que só ocorrerá em longo prazo ⁶.

Quanto a isso, Paulo Henrique avalia que quaisquer rádios, sejam as do MST ou as convencionais, deveriam ter o papel de “[...] tocar música educativa, não aquela música que denigre a imagem da mulher. É uma forma de alienação que faz com que... o capitalismo faz com que nós mesmos nos coloquemos contra a imagem do trabalhador, a imagem da mulher e do homem.” (*idem*). Concordando com o colega, Mariana Paiva defende que a diferenciação da rádio em relação às demais reside no fato de não levar ao ar conteúdos que ela classifica como “negativos”:

⁶Dentre as ações estabelecidas pelo MST para garantir a participação ativa das mulheres nas lutas e discussões políticas, estão: criação das cirandas infantis em todos os espaços do movimento para que os filhos estejam recebendo cuidados enquanto as mulheres participam das atividades; enviar sempre, no mínimo, uma dupla de representantes - composta por um homem e uma mulher - para cursos e eventos; assegurar que o documentos da posse da terra e de créditos estejam no nome do casal; realizar formação sobre o tema; etc. (MST, 2001, p. 151)



A gente é diferente porque a gente não coloca qualquer música como nas outras rádios. O MST tem uma visão. Como é que nós vamos colocar uma música maltratando a mulher? Não é porque a gente trabalha em uma rádio que vai fazer isso, até mesmo porque a mulher tem o seu valor. É isso que diferencia a rádio. As outras colocam qualquer música e às vezes as pessoas nem prestam atenção na letra da música, mas... vamos dizer... uma coisa que o MST tenta é a igualdade entre homem e mulher. (Fala de Mariana Paiva durante entrevista concedida à autora em outubro de 2009)

Por duas vezes, Mariana cita o posicionamento do MST como argumento para explicar por que a rádio não toca determinados tipos de músicas. Paulo Henrique, por sua vez, fala em alienação gerada pelo capitalismo, um discurso pouco comum para um jovem de apenas quinze anos. Conforme averiguamos, desde que entraram na rádio, os dois passaram a estudar as linhas políticas do movimento, que, percebemos, começam a fazer parte do discurso deles, apesar de ainda não terem o total domínio da formulação do movimento sobre o tema, como deixam perceber na dificuldade de articulação dos argumentos, algo que já não encontramos em militantes mais experientes, como Joyce.

Durante as entrevistas, notamos que a argumentação de Mariana e Paulo Henrique, pautados pelo conhecimento que possuem acerca da discussão de gênero, diferencia-se daquela expressada por “seu” Pepino, que afirma: “Como é que eu vou colocar uma música que fale mal da mulher? Isso não pode. Até porque a gente tem filha, tem mulher em casa. Eu não ia gostar delas serem tratadas assim.”⁷. Do discurso, sobressaem elementos claramente patriarcais, a preocupação é com as mulheres “dele”. Mesmo que ingenuamente, Pepino acaba por reproduzir um argumento tradicional, machista, diferente daquele pautado pelas posições políticas defendidas pelo MST.

Faz-se, pois, necessária uma luta cultural cotidiana para “[...] efetuar a unidade intelectual e ética, essencial à hegemonia” (*ibidem*, p. 304), ação que o MST vem tentando exercer por diversos meios, dentre eles sua política de comunicação. A afirmação de uma nova cultura, na esfera da produção comunicativa aqui discutida, revela-se por meio dos programas que privilegiam a divulgação de temas referentes ao assentamento e ao movimento. Ainda no universo da programação musical, além da divulgação de músicas do MST, logo no início da produção da rádio foi levado ao ar o programa intitulado “Cantoria”, cuja função era divulgar a música dos artistas locais, por meio da apresentação ao-vivo dos violeiros e cantadores da própria região. Apesar da tentativa, a experiência não logrou êxito devido à existência de poucos artistas vivendo nas localidades próximas e à dificuldade de trazer aqueles que moram mais distantes para a rádio.

⁷Declaração emitida durante entrevista à autora em outubro de 2009



A luta pela construção de uma nova cultura perpassa também os programas informativos, a exemplo dos já citados “Reforma Agrária em Debate” (e de seu substituto, o “Vozes da Terra”), “Show da Reforma Agrária”, “Sem Terrinhas em Ação” e “Educação no Campo”, através dos quais fica bastante clara a visão política do movimento. No dia onze de outubro, acompanhamos a produção, ao-vivo, desses dois últimos programas. A existência de um espaço voltado para as crianças, como é o “Sem Terrinhas em Ação”, decorre de uma orientação nacional do movimento que, nos últimos anos, tem produzido materiais específicos para o público infantil, como o “Jornal Sem Terrinha”, encartado junto ao Jornal Sem Terra desde 2008, e a “Revista Sem Terrinha”, cuja segunda edição foi publicada em outubro de 2009⁸.

Na 25 de Maio FM, o “Sem Terrinhas Em Ação” vai ao ar logo no início das manhãs de domingo. Atualmente, ele é apresentado por duas assentadas, Francisca Ramonyelle, de nove anos, e Sônia Paiva, de dez anos de idade. A produção é bastante simples. Sem roteiro preparado, as meninas chegam à rádio com um texto que elas escolhem para ler e vão, ao-vivo, construindo a programação. A base do conteúdo veiculado são os materiais feitos nacionalmente pelo MST, como o jornal, a revista e os cadernos de formação destinados aos sem terrinhas. Quando as novas edições não chegam, elas escolhem algum texto ou livro adquirido na escola. Como não sabem usar o computador, são sempre acompanhadas por um outro integrante da equipe.

Durante a transmissão, o espaço da rádio conforma-se como um lugar de sociabilidade, encontro e diversão. Na ocasião, veicularam canções do grupo Balão Mágico, da apresentadora Xuxa, do cantor Raul Seixas e músicas do MST feitas para crianças, que acompanham cantarolando. Entre uma música e outra, enviam recados para os amigos e para as comunidades vizinhas. Também narram o que levaram para ler que, naquele dia, era o livro “Meu Mundo - Coleção Fé na Vida”, de autoria de José Donizete e Margarida Regina de Almeida (Editora do Brasil, 2005). O primeiro texto escolhido tratava do meio ambiente, ensinava sobre a importância da natureza e alertava sobre as formas de preservá-la. O segundo, intitulado “Felicidade”, discutia valores como respeito e lealdade. Para finalizar, veicularam um *spot* que incentivava a participação política das crianças e denuncia a exploração do trabalho infantil.

Logo em seguida, acompanhamos o “Educação no Campo”, feito por professoras do assentamento. Segundo Antônia Eliônia, pedagoga, militante do MST e moradora da comunidade do Quieto, o objetivo do programa consiste em “[...] divulgar

⁸ Os materiais citados encontram-se disponíveis na página da internet: <www.mst.org.br>



o projeto de educação do MST para a sociedade.”⁹. Conforme nos informou, há vinte e três escolas no assentamento, que são divididas em seis pólos e realizam projetos diversos, como a educação infantil, o Programa de Formação na Idade Certa e o ensino de jovens e adultos no turno noturno, ações que têm contribuído para a diminuição do analfabetismo na região. Ela conta que a proposta do programa surgiu das professoras, que se sentiram com a responsabilidade de participar da emissora. Além disso, conta,

A gente tava sendo muito cobrado pela rádio. E a rádio só tava tendo os programas dos meninos, né? (...) Aí o Lázaro chegou e disse: “Vocês professoras têm que fazer algum programa porque a rádio está ficando mais por conta dos jovens e vocês tem que ter algum programa.”. Aí a gente foi e, no planejamento, decidimos planejar juntas. (...) Aí eu disse assim: “Vamos desenrolar e não vamos deixar passar”, porque nós estávamos mesmo um pouco afastados e o rádio é um meio de comunicação para as famílias estarem em casa ouvindo. Por exemplo, nós estamos trazendo o tema “Educação no Campo” por que? Porque é a nossa cara, né? Nós temos os projetos na agro-escola e às vezes eles não são espalhados, às vezes as famílias não vêm, não se aproximam, não ficam sabendo de uma reunião que acontece mensalmente. Aí a gente espalhando via rádio fica bem melhor, né? (...) Porque o povo tem uma curiosidade de saber o que é essa educação no campo, qual a diferença da normal, essas coisas. Então a gente tá com esse compromisso de ir espalhando [a proposta educativa]. (*idem*)

A fala da professora explicita, mais uma vez, a busca pela participação da população na feitura da programação. Vemos também a compreensão da importância do veículo de comunicação para divulgar as ações do movimento, informar e mobilizar a comunidade. Ela, por exemplo, disse esperar que, com a divulgação dos projetos de educação por meio da rádio, os adultos passem a participar mais dos programas destinados ao aprendizado deles, pois a evasão dos cursos noturnos ainda é elevada. Além disso, acredita que esse é um instrumento para defender e consolidar o projeto de educação do MST, que está sendo alvo de debates no município, pois ano que vem será inaugurada na comunidade do Quieto a Escola do Campo, uma parceria do Governo do Estado do Ceará e do Governo Federal através do Plano de Ação Articulada (PAR), cujo projeto político pedagógico não será o que o formulado pelo movimento. Por isso, o grupo de educadoras decidiu que levaria a discussão do projeto pedagógico do MST para a comunidade e para os municípios vizinhos através do “Educação no Campo”.

Logo no início da transmissão, a educadora leu o poema “Escola é”, de Paulo Freire¹⁰, pedagogo que é referência para o projeto de educação do movimento sem-terra.

⁹Fala de Antônia Eliônia durante entrevista concedida à autora em outubro de 2009

¹⁰ “**Escola é...** o lugar que se faz amigos. Não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos... Escola é sobretudo, gente. Gente que trabalha, que estuda, que alegre, se conhece, se estima. O Diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor, na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada



Conforme nos informou, a escolha do poema de Freire está relacionada à necessidade de diferenciar o projeto de escola do movimento das escolas tradicionais. Em seguida, falou do planejamento escolar, o conceito e o método que adotam; da avaliação escolar, fazendo uma crítica às avaliações que se detinham apenas provas e frequências e defendeu uma avaliação processual e contínua. Também foram veiculadas músicas do movimento que falavam da educação no campo e lidos avisos do grupo de jovens do assentamento, que conclamava os jovens da comunidade para uma reunião. Eliônia divulgou ações que seriam desenvolvidas pelos jovens, como a plantação de uma horta coletiva e a pintura da escola e da igreja. Depois, elogiou a recente formação do Grupo de Jovens Maria Lima, falou da importância da organização dos jovens nos assentamentos e propôs que outras comunidades seguissem o exemplo do Quieto. Em seguida, encerrou o programa tocando o hino do movimento.

Os programas são baseado na leitura de textos do MST, como os cadernos de formação e os livros editados pelo movimento. No caso do “Show da Reforma Agrária”, na semana que antecedeu nossa última visita ao assentamento, Mariana havia abordado o tema da cultura, utilizando-se, para tanto, do Caderno de Formação N°34 (MST, 2000, 2ª edição), intitulado “O MST e a Cultura”, de autoria de Ademar Bogo. Segundo a apresentadora, no primeiro dia em que utilizou esse texto, privilegiaram levantar a discussão sobre o que é cultura, apresentando concepções diversas, como aquela que resume a cultura aos produtos, como artesanatos e músicas, e aquela que percebe a cultura como modo de vida. Ao final, Mariana disse ter emitido sua opinião sobre o tema, baseada nos estudos que fez para apresentar o programa. Ao longo da semana, ela ampliou o debate. Em um dos dias, tratou especificamente do projeto de cultura dos sem-terra. No quadro intitulado “Nossa História de Conquistas”, que foi criado por ideia da própria adolescente para divulgar as ações do movimento, informou qual concepção de cultura é utilizada e quais projetos estão sendo desenvolvidos.

Os exemplos apontam tentativas de construção de uma programação diferenciada, pautada pela valorização do MST e da vida cotidiana, com vistas à criação de um novo olhar sobre o movimento, diferente das imagens criadas pela grande mídia,

de “ilha cercada de gente por todos os lados”. Nada de conviver com as pessoas e ,depois, descobrir que não tem amizade a ninguém. Nada de ser como tijolo que forma a parede,Indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se “amarrar nela”! Ora é lógico... Numa escola assim vai ser fácil!Estudar, trabalhar, crescer, Fazer amigos, educar-se, ser feliz. É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.” (Paulo Freire)



e à difusão dos ideais e das ações através de uma comunicação que se propõe a ser educativa. Devido a esse potencial, Lázaro de Castro afirma que a chegada da rádio:

Foi uma conquista muito grande, exatamente pela questão de mostrar pra sociedade, realmente, qual o nosso jeito. Qual o comportamento do MST. Porque nós temos um meio de comunicação na mão. Saiu uma notícia assim no “Jornal Nacional”, hoje. Amanhã, nós passa o dia 'tascando a lenha' na Rede Globo e defendendo que isso não é verídico, que isso não é verdade, que isso é uma alienação que a mídia quer passar pra sociedade. [...] Através do rádio, tem como você chegar até a pessoa, tem como você conscientizar, tem como você conversar com ele. (Entrevista realizada em setembro de 2009).

Um dos “proveitos” que vêm sendo adquiridos pelos produtores consiste na mobilização dos assentados. Segundo Sitônio¹¹, presidente do Conselho Comunitário do assentamento, a rádio tem servido – “e muito” – para convocar as comunidades para as reuniões do conselho e demais atividades. Marcelo Matos defende que, com a colaboração do rádio, o movimento tem conseguido “fazer grandes lutas”, como a ação realizada em 8 de março de 2008, Dia Internacional de Luta da Mulher, quando 500 trabalhadoras foram mobilizadas para o ato por meio da rádio. O jovem Paulo Henrique também acredita no potencial político do veículo no que se refere aos enfrentamentos travados pelo movimento, especialmente em relação aos ataques da mídia empresarial:

[...] Porque a mídia, a televisão, trata o movimento como o movimento que é o contrário da lei. E a rádio tanto é um instrumento para divulgar as ações do movimento, quanto, por exemplo, é um instrumento para a educação no campo, pra envolver o povo do assentamento e, além disso, a rádio é uma das melhores formas para combater e para contradizer o que a mídia diz. (Entrevista concedida em outubro de 2009)

3. Conclusão

Durante as entrevistas e as visitas ao assentamento, percebemos que, de fato, há uma busca incessante em fazer da rádio um instrumento de educação, o que fica claro quando vemos que os conteúdos são baseados em textos informativos, poemas e livros que tratam de temas diversos, mas que dialogam com a realidade em que vivem. Notamos ainda que, produzindo comunicação, as pessoas tornam-se sujeitos do próprio aprendizado, o que pode vir a fomentar um processo de ação cultural libertadora, como alertava Paulo Freire¹², para quem essa possibilidade só seria apreendida no instante em que a comunicação deixasse de ser apenas a transmissão de uma mensagem e passasse a ser entendida como um diálogo e um compartilhamento por meio do qual pode haver

¹¹ Fala de Sitônio durante entrevista concedida à autora em outubro de 2009

¹² FREIRE in LIMA, Venício A., 2004



uma troca/geração de conhecimento. Por possibilitando o diálogo e a reflexão sobre os bens simbólicos, as rádios comunitárias, segundo Nunes (2004, p. 67), possibilitariam o estabelecimento de novas relações de poder, mas democráticas e descentralizadas. Além disso, outro ganho advindo da utilização da rádio livre no assentamento 25 de Maio consiste, exatamente, no envolvimento dos próprios jovens assentados, que passaram a conhecer melhor o movimento através do trabalho desenvolvido todos os dias na emissora. A participação foi convertida em militância, pois, como explica Márcia Vidal,

A atuação em rádios comunitárias pelos militantes de movimentos sociais confere-lhes maior segurança e um conhecimento mais detalhado da causa que defendem. A produção de material para ser veiculado ao público gera, além disso, laços de solidariedade mais estreitos entre os participantes do grupo, fortalecendo a coesão interna e deixando mais nítidos os objetivos que o grupo persegue. Assim, o papel das rádios comunitárias transcende a publicidade da causa defendida pelo movimento social junto à sociedade; ele fortalece o movimento ampliando a percepção dos próprios militantes em relação aos objetivos que defendem e a causa que perseguem. É como ouvir o próprio eco e refletir sobre ele. (*ibidem*, p. 67)

Apesar da precariedade da técnica utilizada, das dificuldades financeiras e do difícil acesso à informação, sua existência colabora para com os processos de luta contra-hegemônica, seja pela difusão de conteúdos que favoreçam a luta do movimento, ou pelo envolvimento militante que tem possibilitado que pessoas que antes não se identificavam como integrantes do movimento social, como Paulo Henrique e Mariana, passassem a estabelecer mediações entre as ideias do movimento e os interesses dos ouvintes. Em relação às mediações, vimos que elas são constantes. A rádio é feita em um contexto social que possibilita aos produtores o contato com a cultura proposta pelo movimento, mas também com os produtos da Indústria Cultural – os mais acessíveis a um lugar onde não chega internet, revistas (a não ser a do MST), etc.

Segundo Stuart Hall, a esfera da cultura não está isolada das relações do poder, ao contrário, “o essencial em uma cultura popular são as relações que colocam a “cultura popular” em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante.” (2008, p. 241). Portanto,

A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência. Não é a esfera onde o socialismo ou uma cultura socialista – já formada – pode simplesmente ser “expressa”. Mas é um dos locais onde o socialismo pode ser construído.” (*ibidem*, p. 246)



Esse sentido da negociação parece ter sido apreendido pelos produtores da rádio – eles mesmos consumidores de diversos bens culturais. Há de levar em conta, ainda, o fato de a comunicação produzida não ser destinada exclusivamente para integrantes do MST, o que traz a necessidade de dialogar com sujeitos ainda mais diversos, já que não compartilham, como muitos assentados, a identidade coletiva do 'Sem Terra'. Não obstante a diversidade dos conteúdos, percebemos que vem sendo desenvolvido um trabalho crítico e educativo através da rádio – um veículo acessível a um contexto onde o analfabetismo ainda é uma realidade, e o acesso à internet e outras tecnologias é escasso. Trabalho que colabora para a conformação de um novo olhar sobre o movimento e para o questionamento da hegemonia dominante.

4. Bibliografia

ALMEIDA, Jorge (M. B.) de (Org.). Theodor W. Adorno - Indústria cultural e sociedade. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CANCLINI, Néstor G., **Gramsci e as culturas populares na América Latina**, in **Gramsci e a América Latina**, Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1988.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere (Vol. 3). Maquiavel, notas sobre o Estado e a política**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 3ª ed. RJ: Civilização Brasileira, 2002.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Org: Liv Sovik; Trad: Adelaine La Guardia Resende [et all]. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2008.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

NUNES, M. V., **As rádios comunitárias nas campanhas eleitorais: exercício da cidadania ou instrumentalização (1998-2000)**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n22/n22a06.pdf>>. Acesso: out/09.

PERUZZO, Cicilia Maria K. **Participação nas rádios comunitárias no Brasil**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: out/09.

_____. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. Revista **Pensamento Comunicacional Latino Americano**, V. 4 – n. 1, out. / nov. / dez. 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Documentos

MST, Setor de Comunicação e Cultura do. **Hegemonia, Política, Comunicação e Cultura**. Brasília: 2009